



João de Abreu, diretor do HRG: instituição pública de saúde é viável

Valença abre guerra contra a infecção

“O lema da campanha de saúde lançada hoje (ontem) pelo Ministério da Saúde para diminuir o índice de infecção hospitalar foi muito bem pensado, pois lavar as mãos é uma medida simples e de grande impacto para conscientizar os funcionários do setor do cuidado que deve ter com o paciente”. A afirmação é do secretário de Saúde, Laércio Valença, ao falar sobre os procedimentos que já estão sendo tomados pela Secretaria para implementar esta iniciativa do Ministério.

— É lógico que só esta medida não basta, mas nós já estamos tomando outras atitudes para o controle do índice — explicou o secretário. Entre elas, estão a reforma a manutenção das lavanderias e centros de esterilização dos hospitais, padronização no uso de antibióticos, criações de centrais de germicidas nas regionais (que facilitaria a utilização dos desinfetantes na dosagem certa) e treinamento de recursos humanos. Quanto a esta última, já foram iniciados esta semana cursos para o pessoal de nível médio. A idéia é fazer dois cursos mensais para que em três anos todos os 4 mil servidores da FHDF já tenham sido treinados.

Costuma-se dizer que Brasília tem o maior índice de infecção

hospitalar do País, mas Laércio Valença discorda desta afirmação. “Embora ainda apresentando necessidades de melhora, Brasília situa-se muito bem em relação ao resto do País, no que diz respeito ao setor saúde. Basta lembrar que o nosso índice de mortalidade infantil é de 26 por mil enquanto a média do País é de mais de 70 por mil. Se estamos bem deste lado, como poderíamos ser os piores em outro?”, argumentou.

Segundo o secretário, o Distrito Federal tem se preocupado desde 1979 com a diminuição do índice de infecção hospitalar. Nesta época, foi criada a primeira comissão de controle de infecção no Hospital de Base. Em 1983, o Ministério da Saúde baixou portaria regulamentando e determinando a criação desta comissão em todos os hospitais. Não há estatísticas sobre o índice do DF, pois este teria que incluir os hospitais públicos e ainda os privados. No entanto, dados estatísticos sobre os hospitais da FHDF, de acordo com Laércio Valença, apontam que este índice tem caído nos hospitais públicos nos últimos dois anos.

— A taxa de infecção hospitalar está ligada ao tipo de hospital e sua clientela. Se for um

hospital de atendimento médico mais simples, que receba pacientes menos graves, esta taxa diminui. Nos hospitais terciários, portanto, ela é mais alta. A taxa global de infecções do HBB, nos últimos dois anos, era de 13 por cento. Este ano, ela foi de 9 por cento. Nós já lutamos há algum tempo para a diminuição desta taxa. Além disso, a morte do ex-presidente Tancredo Neves, em 1985, provocou uma exaustiva discussão sobre o assunto — lembrou.

Laércio Valença acredita que para se chegar aos níveis aceitáveis de infecção hospitalar em todo o País — que segundo a Organização mundial de Saúde variam entre dois e seis por cento dependendo do tipo de hospital — seria necessário maior destinação de recursos para o setor (de 4 por cento do Produto Interno Bruto destinado hoje para 10 por cento), aliado a uma nova política de saúde, o que possibilitaria a disposição de rede física e recursos humanos e materiais adequados. Acha importante ainda que a sociedade em geral pressione o Governo para esta maior destinação de verbas já que, pelo que tudo leva a crer, a comunidade considera a saúde e a educação prioritários.